

Marcelo Pereira da Silva  
(Organizador)

# As Ciências da Comunicação e sua Atuação Plurifacetada 2

Marcelo Pereira da Silva  
(Organizador)

# As Ciências da Comunicação e sua Atuação Plurifacetada 2

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Karine de Lima

**Edição de Arte:** Lorena Prestes

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto



Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof<sup>a</sup> Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof<sup>a</sup> Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof<sup>a</sup> Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Prof<sup>a</sup> Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof<sup>a</sup> Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
C569	<p>As ciências da comunicação e sua atuação plurifacetada 2 [recurso eletrônico] / Organizador Marcelo Pereira da Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF            Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader            Modo de acesso: World Wide Web            Inclui bibliografia            ISBN 978-65-5706-172-5            DOI 10.22533/at.ed.725201307</p> <p>1. Comunicação. I. Silva, Marcelo Pereira da.</p> <p style="text-align: right;">CDD 303.4833</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

As pesquisas em Comunicação têm alcançado maturidade teórica, epistemológica, metodológica e social, alavancando um movimento de confluência e interdisciplinaridade na produção científica sobre os meios de Comunicação, as indústrias culturais, os usos e sentidos que os sujeitos atribuem às enunciações midiáticas, modos de consumo de informação, de participação, expressão de vozes, exercício da incontroversa liberdade de opinião e de imprensa, etc.

Verifica-se, hoje, relevante promoção de rompimento de fronteiras e limites no campo da Comunicação, surgindo possibilidades e desafios científicos intrinsecamente vinculados à contemporaneidade, tão fragmentada, líquida e efêmera. Este contexto encoraja os pesquisadores à colaboração em iniciativas de investigação como a deste e-book. Intitulado “As Ciências da Comunicação e sua Atuação Plurifacetada 2”, este livro reúne 14 artigos de pesquisadores de diferentes estados do Brasil, os quais apresentam discussões, análises, teorizações e problematizações que podem conduzir a ações em prol da sociedade, dos sujeitos e das organizações.

A história da pesquisa em Comunicação mostra que olhares transversos sobre um mesmo objeto foram postulados, permitindo reformulações e ressemantizações; alguns determinismos ficaram de lado e as relativizações surgiram como premissas para outras investigações, haja vista a área de Comunicação se encontrar em construção e ser essencialmente transdisciplinar, intradisciplinar, multidisciplinar e interdisciplinar. A Comunicação é uma grande obra que ainda está em pavimentação.

Considerando a metáfora da obra, cada artigo que constitui este e-book é um tijolo dessa edificação que tem a Comunicação como campo de conhecimento fundamental para a existência humana. As imbricações, diálogos e duelos entre diferentes teorias, metodologias e os resultados apresentados pelos autores desta obra colocam na ribalta novas perspectivas para a compreensão [da] e a existência da vida em sociedade.

A Comunicação é onipresente e sua necessidade confunde-se com o ar, de maneira que (re) conhecê-la ajuda-nos a compreender o homem, pois sua existência se recorta de mecanismos de transformação e múltiplas possibilidades que podem, no devir, tornar o sujeito ativo na produção de seu destino na cotidianidade.

A Comunicação não é a única fonte das dificuldades, necessidades e realizações humanas: ao longo da história, ela foi capaz de acercar-se a alguns mistérios do homem, tais como as origens dos conflitos humanos, a edificação da personalidade, a natureza de algumas doenças mentais e as mudanças sociais. De acusadora a acusada, a Comunicação é um dos pilares que possibilitam a produção de vida e o “viver a vida” nas diferentes mediações socioculturais, já que intrínseca e basilar.

Marcelo Pereira da Silva

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
GESTÃO DE CRISE, PETROBRAS E REPUTAÇÃO CORPORATIVA: O DISCURSO DA CARTA CAPITAL SOBRE A OPERAÇÃO LAVA JATO	
Ana Carolina Trindade Jéssica de Cássia Rossi Marcelo Pereira da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7252013071</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL DIGITAL: ABORDAGENS TEÓRICO-METODOLÓGICAS DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA CIRCULANTE NO ESPAÇO DE DISCUSSÃO DA ABRAPCORP	
Gisela Maria Santos Ferreira de Sousa Maria do Carmo Prazeres Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7252013072</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>22</b>
PESQUISA EM COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL A PARTIR DA TEORIA E MÉTODO DE THOMAS ZNANIECKI, EM THE POLISH PEASANT	
Roberta Brandalise	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7252013073</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>34</b>
PORTA VOZES DIGITAIS: O COMPORTAMENTO DAS ORGANIZAÇÕES FRENTE AO CONTRADITÓRIO NAS REDES SOCIAIS VIRTUAIS	
Pedro Augusto Farnese de Lima	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7252013074</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>48</b>
O USO DE FERRAMENTAS E SOFTWARE EM ABORDAGEM QUANTI-QUALITATIVA: INVESTIGANDO FLUXOS DISCURSIVOS E ÍNDOLE COMUNICATIVA EM MÍDIAS SOCIAIS	
Luciana Saraiva de Oliveira Jerônimo Gisela Maria Santos Ferreira de Sousa Maria do Carmo Prazeres Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7252013075</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>61</b>
RPC INOVANDO COM O USO DE CELULARES EM REPORTAGENS E AO VIVO	
Michel Hajime Itakura	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7252013076</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>74</b>
TECNOLOGIA E CRISE: AS NOVAS OPERAÇÕES E FUNÇÕES NAS AGÊNCIAS DE COMUNICAÇÃO A PARTIR DA DÉCADA DE 2000	
Diego Santos Vieira de Jesus	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7252013077</b>	



**CAPÍTULO 8 .....88**

ESPETACULARIZAÇÃO DO DISCURSO DE ÓDIO E VIOLÊNCIA EM SITES NOTICIOSOS: AS FACES DA INTOLERÂNCIA

Magno Medeiros

**DOI 10.22533/at.ed.7252013078**

**CAPÍTULO 9 ..... 101**

OS ARTIGOS DO SBPJOR SOBRE JORNALISMO E MOBILIDADE

Máira de Cássia Evangelista de Sousa

**DOI 10.22533/at.ed.7252013079**

**CAPÍTULO 10 ..... 113**

FAKE NEWS E A CRENÇA NA VERDADE DA MENTIRA

Claudomilson Fernandes Braga

**DOI 10.22533/at.ed.72520130710**

**CAPÍTULO 11 ..... 125**

O PODER DE INFLUÊNCIA DO INSTAGRAM PARA O CONSUMO: UMA PESQUISA EM UMA EMPRESA DE TURISMO

Juliana Carvalho de Sousa

Joyce Silva Soares de Lima

Anderson Lopes Nascimento

Antônio Vinícius Oliveira Ferreira

Ana Luiza Carvalho Medeiros Ferreira

Francinildo Carneiro Benicio

Yascara Pryscilla Dantas Costa

Lenilton Viana Leal

Dayse Emanuelle Campelo Francisco

Sildácio Lima da Costa

Andreza Cristina de Sousa Fernandes

Fábio Paiva de Lima

**DOI 10.22533/at.ed.72520130711**

**CAPÍTULO 12 ..... 144**

O USO DO SISTEMA DE INFORMAÇÃO NO PROCESSO DE ARMAZENAGEM E SUAS IMPLICAÇÕES NA LOGÍSTICA

Antônio Vinícius Oliveira Ferreira

Ana Luiza Carvalho Medeiros Ferreira

Juliana Carvalho de Sousa

Joyce Silva Soares de Lima

Francinildo Carneiro Benicio

Yascara Pryscilla Dantas Costa

Lenilton Viana Leal

Augusta da Rocha Loures Ferraz

Kelsen Arcângelo Ferreira e Silva

Maria de Lourdes de M. Salmito Mendes

Maurício Mendes Boavista de Castro

Anderson Lopes Nascimento

**DOI 10.22533/at.ed.72520130712**

<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>156</b>
OS SIGNIFICADOS DO TRABALHO CONSTRUÍDOS PELOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS	
Maria Ivete Trevisan Fossá	
<b>DOI 10.22533/at.ed.72520130713</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>177</b>
SÍNDROME DE <i>BURNOUT</i> : PERCEPÇÕES DOS PROFESSORES ENVELHESCENTES DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO	
Keila de Sousa Leitão	
Denise de Barros Capuzzo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.72520130714</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>182</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>183</b>

## OS SIGNIFICADOS DO TRABALHO CONSTRUÍDOS PELOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS

*Data de aceite: 07/07/2020*

**Maria Ivete Trevisan Fossá**

Universidade Federal de Santa Maria

<http://lattes.cnpq.br/0718561583412717>

**RESUMO:** Este artigo objetiva analisar os momentos de prazer e sofrimento no trabalho de coleta de materiais recicláveis. Para tanto, buscou-se conhecer os sentidos do trabalho construídos pelos catadores de materiais recicláveis, descrevendo suas estratégias defensivas junto às relações de trabalho e vida psíquica. A pesquisa baseia-se nos estudos realizados pela Escola Dejouriana que buscam compreender a relação entre prazer, sofrimento e trabalho. A metodologia adotada foi a pesquisa qualitativa de caráter exploratório. A interpretação dos dados coletados pelas entrevistas semiestruturadas foi feita de acordo com o método de análise de conteúdo. Os resultados são relatados de forma a traduzir a realidade estudada e sua relação com o método utilizado para a investigação e para a análise dos resultados. Foram levantadas, a partir da leitura de todas as entrevistas realizadas, dez (10) categorias iniciais, quatro (4) categorias intermediárias obtidas pelo reagrupamento das categoriais iniciais e duas (2) categorias finais. As categorias finais apresentam o catador como

cidadão e os processos de construção das representações de prazer e sofrimento desses trabalhadores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Prazer e Sofrimento no Trabalho; Relações de Trabalho; Abordagem Dejouriana; Catadores de Materiais Recicláveis; Significados do Trabalho.

**ABSTRACT:** This article aims at analyzing the moments of pleasure and suffering in the recyclable material collection work. To do so, the study aimed at identifying the meanings of the work constructed by the recyclable material collectors, by describing their defensive strategies in relation to the work relationships and psychic life. The research has followed the theoretical studies accomplished by Dejouriana School whose objective is to comprehend the relationship among pleasure, suffering and work. The adopted methodology was the qualitative research of exploratory character. The interpretation of the data collected by the half-structuralized interviews was carried out in accordance with the method of content analysis. The results are reported in order to translate the studied reality and its relationship with the method used along with the investigation and the analysis of the results. Ten (10) initial categories, four (4) intermediate categories obtained by the reassembling of the initial categories and two (2) final categories were raised from the reading

of all the accomplished interviews. The final categories present both the recyclable material collectors as citizens and the process of representation construction of pleasure and suffering of these workers.

**KEYWORDS:** Pleasure and Suffering in the Work; Work Relationships; Dejouriana approach; Recyclable Material Collectors; Meanings of the Work.

## INTRODUÇÃO

O modelo econômico atual, os fatores históricos da não absorção de mão-de-obra, a premente necessidade de políticas públicas com ênfase na destinação dos resíduos sólidos, o pensamento vigente de que o lixo é um assunto para o governo, para a indústria, para engenheiros e sanitaristas têm feito com que o lixo seja assumido como um problema social, podendo ser equiparado à escassez de água potável, ao desflorestamento, ao efeito estufa, à agressão à camada de ozônio, entre outros problemas presentes na pauta de discussão de países do mundo inteiro.

Não é possível pensar em coleta seletiva do lixo sem deixar de considerar as relações de trabalho que estão surgindo com essa ocupação. Não só o problema da falta de emprego, mas, sobretudo, a precarização das relações de trabalho que essas ocupações geram devem ser levadas em consideração quando se pensa nos significados que o trabalho produz na formação do imaginário do trabalhador.

As pessoas que vivem da coleta de lixo formam uma comunidade proveniente de uma nova cultura – a cultura do lixo. Essa cultura foi originada por um crescimento exagerado da população em zonas urbanas, que conseqüentemente gerou uma grande produção de lixo industrializado e uma ascensão social de grupos marginalizados.

O nível micro das experiências talvez possa assinalar as mudanças que estão ocorrendo no mundo do trabalho. A centralidade do trabalho mudou, hoje é imaterial. Portanto, buscar alternativas para a questão das significações é um desafio. As relações de trabalho mudaram, mas os modelos não, e esses já não conseguem ler as mudanças. Quando o modelo não consegue retratar a realidade, a nossa tendência é a de modificarmos o modelo e não a realidade. Será que estamos conseguindo explicar as relações de trabalho? Será que os modelos teóricos e metodológicos estão conseguindo dar conta desses desafios? Os estudos de casos e as produções acadêmicas não estão mascarando as relações de trabalho? A questão da ideologia não está encobrindo mudanças ou nos cegando frente à realidade? Como pensar essa nova realidade?

Diante desse contexto de incertezas, o objetivo principal dessa pesquisa foi compreender a organização do trabalho de coleta de materiais recicláveis como fator de equilíbrio e desenvolvimento humano, sem a preocupação de construir modelos de análises, mas sim, de propor uma nova agenda para discutir as relações de trabalho.

Os trabalhadores periféricos, como os catadores de materiais recicláveis, que não estão no mercado formal, não podem ser estudados através de conceitos utilizados no passado como sindicatos, sociedade em rede, emprego formal, rede relacional, empregabilidade,



capital social, sociedade civil organizada, entre tantos outros conceitos que se oferecem para discutir as relações de trabalho.

Identificamos um claro esvaziamento na definição de “relações de trabalho”, como algo material e ligado ao setor formal. Assim, para discutir as relações de trabalho que se estabelecem no mercado informal e no trabalho associativo, buscamos como fundamentação teórica os estudos realizados pela Escola Dejouriana. Os estudos dejourianos se propõem a pensar as relações estabelecidas no trabalho e o sofrimento psíquico produzido nos trabalhadores, seja pelas péssimas condições de trabalho, seja pelo sentimento de mal-estar provocado no aparelho psíquico do sujeito por viver situações de pandemia gerada pelo COVID 19. Os catadores enfrentam uma realidade que é só sua, com interpretações peculiares sobre o momento em que vivemos, acuados por um vírus, que é invisível, mas extremamente letal, e estupefatos pelos números de contagiados e mortos pelo novo coronavírus. Sendo assim, impossível não pensar o futuro com apreensão, seja por ter que lidar com a possibilidade de ser atingido pela Covid-19, ou mesmo em relação ao que será o futuro econômico e social do Brasil. Dessa forma, compreender o sentido do trabalho e o universo simbólico dos catadores de materiais recicláveis implicou em conhecer seus processos de subjetivação frente ao trabalho realizado.

Para Dejours (1998), as relações de trabalho são todos os laços humanos criados pela organização do trabalho: relações com a hierarquia, com as chefias, com a supervisão, com os outros trabalhadores e que são, às vezes, desagradáveis e até insuportáveis. Em termos de funcionamento psíquico, Dejours (1994) parte de um modelo de homem ímpar; um sujeito sem outro igual, portador de desejos e de projetos enraizados na sua história singular e que, de acordo com a sua personalidade, reage à realidade de maneira estritamente original. De acordo com essa escola de pensamento, o sofrimento é concebido como vivência subjetiva intermediária entre a doença mental descompensada e o conforto ou bem estar psíquico.

A metodologia adotada foi a pesquisa qualitativa de caráter exploratório, utilizando para coleta de dados a técnica de entrevista semi-estruturada e como técnica de interpretação dos resultados o método de análise de conteúdo. O interesse em realizar essa pesquisa se deve pelo intuito em descobrir como os catadores de materiais recicláveis agem e o que fazem para equilibrar as exigências do trabalho e os desejos individuais.

### **A carga psíquica do trabalho**

Dejours (1994) apresenta uma abordagem renovadora do trabalho que não o reduz somente às pressões físicas, químicas, biológicas, psicossensoriais e cognitivas do posto de trabalho, concebidas geralmente sob a denominação de “condições do trabalho” e cujo estudo é objeto da ergonomia. Na concepção de Dejours (1993), é necessário considerar no trabalho a divisão das tarefas e as relações de produção. O trabalho não é somente um modo de sobreviver, é também uma forma de inserção social no qual os aspectos físicos e psíquicos estão fortemente correlacionados. Além disso, distúrbios psíquicos relacionados ao trabalho, embora muito freqüentes, deixam de ser reconhecidos. Nesses casos, a descompensação

e o desequilíbrio mental surgem em um quadro misto associado à angústia, à irritabilidade e à depressão. “A cristalização desses conflitos acabam conferindo um caráter pessoal não específico do trabalho” (Dejours, 1998, p.108). Portanto, as origens desses problemas são atribuídas a fatores externos ao trabalho, impedindo um diagnóstico correto.

As próprias características dos distúrbios psíquicos, normalmente mascarados por sintomas físicos, contribuem para esse falso diagnóstico. Um dos modelos usados para a explicação da relação entre saúde mental e trabalho é a psicopatologia do trabalho, denominada por Dejours, psicodinâmica do trabalho. Os primeiros estudos sobre a psicopatologia do trabalho dedicaram-se ao estudo das perturbações psíquicas geradas pelo trabalho. As pressões normativas da vida do trabalho são suficientemente seletivas para eliminar da organização os indivíduos que sofrem de sintomas mentais ou distúrbios do comportamento mesmo que sejam leves.

Ao analisar os aspectos dessa atividade que podem favorecer a saúde ou a doença, Dejours (1999) acentua o papel da organização do trabalho no que tange aos efeitos negativos ou positivos que ela possa exercer sobre o funcionamento psíquico e à vida mental do trabalhador. Neste sentido, o trabalho tanto poderá fortalecer a saúde mental, quanto levar o indivíduo a distúrbios que se expressarão coletivamente em termos psicossociais ou individuais, em manifestações psicossomáticas ou psiquiátricas. O sofrimento implica, sobretudo, um estado de luta do sujeito contra as forças que o empurram à doença mental.

Na concepção de Dejours (1998), há a divisão das tarefas e a divisão dos homens, na qual a primeira engloba o conteúdo das tarefas, o modo operatório e aspectos gerais que envolvem a organização do trabalho. A divisão dos homens, por sua vez, compreende a forma como os trabalhadores são divididos em um grupo de trabalho e as relações humanas que se estabelecem entre eles. Em estudos recentes, Dejours (1999) salienta que uma situação saudável de trabalho seria a que permite o desenvolvimento individual do trabalhador, possibilitando a alternância de períodos de trabalho com períodos de descanso, sendo que o controle sobre o processo de trabalho ficaria com o trabalhador.

Entende-se que ao se buscar conhecer a compreensão que os catadores de materiais recicláveis possuem de suas condições humana e social, estaremos entendendo as relações destes trabalhadores com o trabalho realizado, suas concepções de mundo, seu entendimento sobre relações interpessoais e atitudes comportamentais que tomam diante da realidade. Questões como a vergonha e a angústia são elementos que refletem muito o comportamento dos coletores de lixo. Em suas ideologias, percebemos claramente o desconhecimento, seja de sua condição, seja de seu próprio corpo. Segundo Dejours (1988), o corpo não existe como linguagem para o subproletariado, uma vez que quando não se conhece o corpo, para falar dele, é preciso que haja dor.

E, ainda segundo Dejours (1998), a organização do trabalho exerce sobre o homem uma ação específica, cujo impacto é o aparelho psíquico. Em certas condições, emerge um sofrimento que pode ser atribuído ao choque entre uma história individual, portadora de projetos, de esperanças e de desejos, e uma organização do trabalho que os ignora. Esse sofrimento de natureza mental começa quando o homem já não pode fazer nenhuma

modificação na sua tarefa, ou seja, quando a relação homem-trabalho é bloqueada.

Para Dejours (1998), o trabalho aparece definitivamente como um operador fundamental na própria construção do sujeito. O trabalho revela-se, com efeito, como um mediador privilegiado, senão único, entre inconsciente e campo social e entre ordem singular e ordem coletiva. O trabalho é um espaço de construção de sentido e, portanto, de conquista de identidade, de continuidade e de historização do sujeito. Entre as pressões de trabalho e a doença mental interpõe-se um indivíduo, não somente capaz de compreender sua situação, mas também de reagir e se defender. As situações de defesa são fortemente singularizadas em função do passado, da história e da estrutura de personalidade de cada sujeito.

Quando esse sofrimento psíquico surge algumas estratégias de defesa são criadas pelo indivíduo para atenuá-lo. Para suportar tanta insatisfação, são criados mecanismos de defesa individuais, denominados por Dejours (1998) de ideologia defensiva. Desse modo, as estratégias defensivas nascem para dar conta desse sofrimento, que seria a eufemização da percepção que os trabalhadores têm da realidade que os faz sofrerem. O resultado das estratégias defensivas coletivas é uma percepção irrealista da realidade, porque a nova realidade construída é validada coletivamente. O sujeito ao participar de uma estratégia de defesa coletiva harmoniza seus outros recursos defensivos individuais. Compreendemos, dessa forma, que o sofrimento, embora seja algo singular, seu gerenciamento é coletivo e se realiza por meio de estratégias coletivas de defesa, formas encontradas coletivamente para suportar o sofrimento individual causado pela alienação do desejo. O que caracteriza uma ideologia defensiva é o fato de ela ser dirigida não contra uma angústia proveniente de conflitos intrapsíquicos de natureza mental e sim ser destinada a lutar contra perigos e riscos reais.

O tempo fora do trabalho poderia trazer satisfação, mas isso nem sempre acontece principalmente se considerarmos o custo financeiro dessas atividades, como esporte, cultura e formação profissional, e o tempo gasto em atividades inelásticas, tais como deslocamento e serviços domésticos. Com isso, são poucos os trabalhadores que conseguem satisfazer seus desejos e necessidades, gerando assim mais frustração. Quando se interpretam os discursos desses trabalhadores, há uma constante quanto à insatisfação: a vergonha. A vergonha de sentir-se inútil, sujo, de achar que não ocupam um espaço na sociedade, que não têm inteligência para desempenhar uma atividade mais interessante. É do contato, de certa forma forçado, com uma atividade desinteressante que a imagem de indignidade é produzida pelos catadores. Esse sentimento deve-se à falta de conhecimento da significação do seu trabalho em relação ao da atividade de forma global. Ao pensar que, enquanto sujeito, não significa nada para a família, para o grupo social e nem para o quadro de um ideal social humanista e político, a baixa auto-estima se apodera do catador.

## METODOLOGIA

Utilizou-se para a coleta de dados a técnica de entrevista em profundidade, semi-estruturada com um único respondente. Os dados foram coletados através de entrevistas gravadas em áudio. As entrevistas foram transcritas de forma detalhada, anotando falas sobrepostas, respirações e entonações de voz, a fim de não perder características importantes para a posterior decodificação do material.

O *corpus* de análise constitui-se de 11 catadores entrevistados, no qual um é o coordenador do grupo de catadores do aterro e o outro é o presidente de uma associação de catadores. Os demais dividem-se em: cinco catadores que trabalham no aterro e quatro catadores que coletam materiais nas ruas da cidade e pertencem a uma das 11 associações de catadores existentes no município de Santa Maria/RS.

A análise de dados constituiu-se em dois momentos. No primeiro momento, o *corpus* de análise é separado em duas situações (trabalhadores do aterro e trabalhadores da rua), e no segundo, é realizada a codificação do material, a partir das categorias de análise definidas posteriormente à realização das entrevistas e à construção do quadro teórico conceitual.

Na Situação I – Aterro -, encontram-se os trabalhadores que desenvolvem atividades de coleta e tratamento dos materiais no aterro sanitário de Santa Maria/RS. O *corpus* de análise compreende seis respondentes, sendo quatro mulheres e dois homens, entre 17 e 56 anos. Na Situação II – Rua-, encontram-se os trabalhadores que coletam os materiais recicláveis nas ruas e nas casas e, posteriormente, os separam em um pavilhão cedido por uma associação de bairro. Nessa categoria, o *corpus* estudado compreende cinco respondentes, sendo três mulheres e dois homens, com idades entre 32 e 54 anos.

A interpretação dos dados coletados pelas entrevistas semi-estruturadas foi realizada de acordo com o método de análise de conteúdo. Segundo Bardin (1977), este método de análise é dividido em três fases: pré-análise, exploração do material e interpretação.

A pré-análise foi desenvolvida para sistematizar as idéias iniciais colocadas pelo quadro referencial teórico e estabelecer indicadores para a interpretação das informações coletadas. Constituiu-se da transcrição das entrevistas na íntegra e de leituras gerais do material de cada entrevista. Nesta fase, fizemos uma leitura flutuante de todas as entrevistas e esse primeiro contato possibilitou a categorização dos dados. Essa categorização levou em conta o critério de pertinência, ou seja, as informações retidas foram consideradas pelo pesquisador como adequadas enquanto fonte de informação.

A segunda fase – exploração do material – consistiu em analisar as categorias geradas previamente pelo referencial teórico bem como pelo confronto com os dados coletados. Nesta fase, destacamos passagens significativas das entrevistas que representam as unidades intencionais dos temas. O texto, composto por todas as entrevistas realizadas com os catadores pertencentes à categoria I e II, foi dividido em unidades de discurso centradas em temas dominantes. Uma posterior classificação foi realizada e representa as categorias iniciais de conteúdo. Tomamos como unidade de análise os parágrafos de cada entrevista. Desses parágrafos, escolheram-se as palavras-chave, fez-se o resumo de cada parágrafo e



foi feita uma primeira categorização. Depois de estabelecidas as primeiras categorias iniciais de análise, procuramos identificar as principais relações existentes dentro de uma mesma categoria de trabalhadores (do lixão e da rua) e entre as duas categorias distintamente. Feito isso, prosseguimos ao agrupamento progressivo de categorias iniciais para a produção de categorias intermediárias e destas para a produção de categorias finais.

As categorias iniciais, intermediárias e finais foram formuladas levando-se em consideração três condições básicas: a exclusão mútua, a homogeneidade e a pertinência. Pelo critério de exclusão mútua, construímos categorias de forma que um elemento não pudesse ter dois ou vários aspectos suscetíveis de serem classificados em duas ou mais categorias. O princípio de exclusão mútua depende da homogeneidade das categorias, ou seja, um único princípio de classificação deve reger a organização das categorias.

A terceira fase – a interpretação – consistiu em captar os conteúdos manifestos e latentes contidos em todo o material coletado. Algumas interpretações foram realizadas na descrição dos significados dos temas de cada categoria, principalmente das categorias intermediárias e finais e sobre as relações de complementaridades, contradições e variações de intensidade entre os temas para um mesmo entrevistado e entre todos. Assim, o discurso produzido pelas entrevistas foi considerado individual e, ao mesmo tempo, coletivo. Teve caráter individual, quando foram consideradas as posições sócio-mentais de cada entrevistado, refletindo contradições inerentes à estrutura de dominação existente e, coletivo, quando foram consideradas as complementaridades que revelam estruturas e relações entre partes do fenômeno estudado e presentes em diferentes formas nos entrevistados. As categorias definidas para a análise das representações sociais construídas pelos catadores de materiais recicláveis a partir do seu trabalho podem ser observadas pela leitura do Quadro 1.

Categorias Iniciais	Categorias Intermediárias	Categorias Finais
1. História de Vida do Catador. 2. O Local de trabalho e suas Significações. 3. As práticas da coleta de Materiais Recicláveis. 4. Estruturas de poder. 5. O Significado do Trabalho. 6. Representações Individuais. 7. Representações Coletivas. 8. Estratégias Defensivas. 9. Tempo Fora do Trabalho. 10. Comunicação e Processos de Troca.	1. O Catador de Lixo. 2. Organização do Trabalho. 3. Representações Sociais do Trabalho. 4. Relações de trabalho e no Trabalho Carga Psíquica.	1. Lixo e Cidadania – O Catador Cidadão 2. Prazer e Sofrimento no Trabalho

Quadro 1 – Processo de Derivação das Categorias

Fonte: Quadro construído pela autora

## CATEGORIAS INICIAIS

### 1. História de Vida do Catador

As histórias de vida dos catadores em ambas as situações (aterro/rua) se confundem. Na sua maioria, são indivíduos que já passaram por diversos tipos de empregos; entretanto, frente ao desemprego, não encontraram outra alternativa senão buscar no lixo sua sobrevivência.

Na situação I – Aterro -, encontramos indivíduos que há mais de 10 anos fazem o caminho de saída e retorno ao aterro. É o caso do entrevistado E, que revela: “eu trabalho aqui desde meus 12 anos; mas, eu saio, trabalho em casa de família e volto” (Entrevistado E, situação I, 36 anos).

Em adição, encontramos no aterro, pessoas como o entrevistado C. Ele nasceu dentro dessa realidade, filho de catadores começou a coletar lixo para ajudar sua mãe e hoje é a sua profissão. Diz o entrevistado: “trabalho com minha mãe e o marido dela, mas não dependo deles. Eu me sustento” (Entrevistado C, situação I, 17 anos).

Embora trabalhe com a mãe e o padrasto, mora sozinho e garante seu sustento através do trabalho de coleta de materiais. No discurso do entrevistado, inferimos que permanecer nesse trabalho pode ser uma opção e não uma alternativa ao desemprego. O sujeito afirma que, “apareceu um serviço e eu preferi ficar aqui. Porque aqui a gente ganha bem mais do que trabalhar ganhando por mês. Por mês, a gente ganha um salário, aqui a gente ganha mais que um salário” (Entrevistado C, situação I).

Na situação II – Rua -, os integrantes do grupo estudado possuem em comum o fato de terem passado por outros empregos antes de se tornarem catadores. Na sua maioria, são indivíduos que desempenharam a mesma atividade profissional durante muitos anos e de repente foram descartados pelo mercado. Não restando outra alternativa, encontraram na coleta de lixo uma forma de sustentar a si e suas famílias.

Os trabalhadores dessa situação trabalham com outros membros de sua família, bem como com amigos e vizinhos. Isso pode ser comprovado na fala de um dos entrevistados quando diz: “eu trabalhei muitos anos na rede (Viação Férrea) e quando sai de lá, recebi um dinheiro bom, mas não durou muito. Eu era casado e tinha cinco filhos. Quando o dinheiro acabou a mulher me deixou, mas eu tive que continuar sustentando os guris” (Entrevistado A, situação II, 44 anos).

Todos esses trabalhadores possuem uma trajetória de vida marcada por vícios, sofrimento e desilusão. Esses fatores somam-se à vida profissional, formando uma carga psíquica maléfica à saúde mental e física do indivíduo.

### 2. O local de trabalho e suas significações

O local de trabalho exerce influência direta na saúde mental do trabalhador, uma vez que é no trabalho que ele passa maior parte de seu tempo. As significações construídas a partir do ambiente e das condições de trabalho estão intrinsecamente ligadas ao sofrimento gerado pelo mesmo. O lixo e toda significação que o envolve é um fardo muito pesado para

o catador. O lixo é tudo aquilo que ninguém quer para si e trabalhar com ele é certamente a última alternativa encontrada por esses indivíduos.

Na situação I, o sentimento de tristeza atrelado ao lixo parece bem mais evidente. No aterro, os catadores manuseiam diretamente o lixo recolhido nas ruas da cidade. Esse lixo não passa por nenhum tipo de tratamento antes de chegar ao aterro, onde a “garimpagem” é realizada com a mínima proteção. Esse contato direto com o lixo, somado à paisagem degradante e ao cheiro do lixo, contribui para formação de uma carga de significações, sejam elas externas ou internas, na qual os catadores são confundidos com seu instrumento de trabalho - o lixo. Pelas entrevistas, percebemos que a opção de trabalhar no lixão e não na rua, onde os materiais são mais abundantes, deve-se à vergonha gerada pelo trabalho com o lixo. Eles querem ser esquecidos enquanto desempenham seu trabalho, pois consideram um trabalho sujo e indigno. Embora esse sentimento não seja explicitado, eles estão implícitos em seus discursos, principalmente quando dizem: “eles vê nós como uns lixeiros, pra sociedade não é importante. Tamo aqui fora e eles nem pensam em nós. Vergonha de trabalhar aqui não tenho, mas de pessoas do centro saber que eu cato lixo (Entrevistado D, situação I, 19 anos).

Na situação II, a carga de significações parece ser mais leve. O lixo recolhido por estes trabalhadores pode ser considerado “mais limpo”, pois os materiais de origem industrial são encontrados com mais facilidade e são recolhidos em bairros e no centro da cidade. Esse lixo normalmente já sofreu algum tipo de seleção, seja na casa de quem o produziu ou no momento da coleta. Dessa forma, o trabalho de seleção é realizado no pavilhão de maneira organizada e com o uso de luvas.

A maioria dos entrevistados que trabalha na rua, afirma que a coleta de lixo “é um trabalho bom, a gente tira dinheiro para sustentar a família e não tem patrão para ficar mandando. É um trabalho como qualquer outro” (Entrevistado C, situação II, 32 anos).

Para esses coletores, embora haja muito preconceito por parte da sociedade, essa é uma atividade profissional como qualquer outra, de onde eles podem tirar não só o sustento, mas algum tipo de conforto. Tal afirmação está explicitada na fala de um entrevistado quando afirma que, “hoje, depois de passar por muitas brabas, até fome passei, eu posso ter telefone, tenho até celular, posso tomar uma cervejinha no fim de semana e compro alguma coisa pra mulher quando ela precisa. Ainda pago pensão pra ex e meus outros filhos” (Entrevistado A, situação II).

### **3. As práticas de coleta de materiais recicláveis**

As práticas de coleta dos materiais não são muito sofisticadas. Uma vez recolhido, os materiais são separados por tamanho, tipo de material e cor.

Na situação I, verificamos que não há nenhum tipo de divisão de trabalho. Os mesmos indivíduos que “garimpam” o material reciclável no amontoado de resíduos, posteriormente os separam para a venda. Pelo depoimento de um dos entrevistados, podemos perceber a liberdade que os catadores possuem de garimpar da maneira que quiserem e o material que lhe convier. Um deles afirma, “cada um trabalha do jeito que quer. Garimpamos e depois

separamos o material que a gente garimpa” (Entrevistado C, situação I).

Da mesma forma que não há divisão do trabalho, também não há divisão de lucros. Cada catador é responsável pela venda do material coletado, cabendo a ele somente o valor oferecido pelo seu produto. “Eles (os atravessadores) vêm aqui dão o dinheiro e levam os material, a gente sabe que eles pagam uma miséria pra gente e levam muito mais em cima, mas fazê o que, se for pagar o frete sai mais caro. Eles vêm aqui, né” (Entrevistado C, situação I).

Na situação II, algumas vezes, há uma simples divisão do trabalho em que um grupo realiza a coleta durante a manhã e outro grupo realiza a separação desses materiais à tarde. O material, após ser separado, é prensado e vendido diretamente para empresas de reciclagens. Os lucros são divididos em partes iguais para todos os membros da Associação. “Eu trabalho aqui com a minha mulher, eu recolho nas casas os materiais e trago pra cá, de tarde ela vem com as outras, depois das duas, e separa todo material” (Entrevistado A, situação II).

#### 4. Estrutura de poder

A estrutura de poder presente nos grupos de catadores, embora simples, apresenta os três instrumentos de seu exercício: poder condigno, compensatório e condicionado.

No poder condigno, a submissão ocorre normalmente de maneira dolorosa. No caso dos catadores, não é mediante à violência física, mas sim à coerção violenta frente à necessidade de comer, morar, sobreviver. Diante da exclusão do mercado formal, esses trabalhadores são obrigados a submeter-se a um trabalho pouco satisfatório. Já o poder compensatório, que está presente em praticamente todas as atividades profissionais, surge à medida que a recompensa (salário) faz com que o trabalhador se disponha a realizar uma tarefa.

Na estrutura interna dos grupos, em ambas as situações, encontramos o poder condicionado. Na situação I, encontramos micro esferas de poder. Essas hierarquias (subjetivas) formaram-se por vários fatores. A própria relação entre alguns indivíduos dessa situação com os indivíduos da situação II denota uma relação de poder. Muitos catadores do aterro consideram os catadores de rua como uma classe acima da sua. Isso ocorre porque os melhores produtos para venda são encontrados em maior número na rua.

Verificamos também, que dentro desse grupo, há pessoas que pelo seu carisma ou apenas por tomar decisões tornam-se representantes do mesmo. É o caso do entrevistado F, que se autodenomina coordenador do grupo, respondendo pelo mesmo frente às autoridades, além de reclamar melhorias em prol dos catadores. Embora nem todos os catadores do aterro concordem com sua liderança, eles respeitam e lhe conferem certo status.

Nas falas e na postura do entrevistado F, percebemos que sua relação com o trabalho é menos penosa que para os demais. Isso possivelmente decorre da auto-estima gerada pelo fato de ocupar uma posição privilegiada dentro do grupo. Suas perspectivas em relação ao seu futuro e sua opinião sobre seu trabalho são notavelmente mais otimistas. As frases, a seguir, ilustram seu otimismo e orgulho em relação à posição ocupada no trabalho. “Eu sim sou a coordenadora daqui. Eu sou a representante dos catadores de materiais recicláveis.



A prefeitura e o pessoal lá fora falam comigo e eu reúno todo mundo pra falar pra eles. Eu sempre estou aqui até a uma hora, depois eu tenho outros compromissos” (Entrevistado F, situação I, 56 anos).

Algumas relações de poder também surgem através da violência, posto que cada indivíduo possui seu espaço dentro do lixão o qual não pode ser violado. Um catador não toca no material coletado pelo colega, porque caso contrário, a represália vem de forma violenta. Um dos entrevistados diz: “ninguém mexe no material do outro, senão dá briga, dá morte, como aconteceu esses tempos” (Entrevistado A, situação I, 24 anos).

Na situação II, as relações de poder são menos evidentes. Há um líder escolhido pelo grupo, o qual responde pelos demais. Possivelmente, o nível de conhecimento e a facilidade de comunicação determinam a escolha desse líder.

## 5. O significado do trabalho

Na situação I, o trabalho surge como um instrumento de sobrevivência, onde o elemento remuneração ocupa a posição central da relação do indivíduo com o trabalho. Prazer e desenvolvimento pessoal aparecem como elementos contrários ao trabalho.

Quando indagados se o trabalho oferece algum tipo de satisfação, a resposta mais freqüente é: “oferece, dá pra gente ganhar um dinheiro, comprar as coisas que a gente quer” (Entrevistado C, situação I).

Na situação II, o significado central atribuído ao trabalho também é o de sobrevivência, mas em alguns discursos, percebemos que para alguns o trabalho é uma fonte de desenvolvimento pessoal ou até mesmo de reintegração na sociedade. Em alguns casos, esses indivíduos passaram um longo tempo sem realizar qualquer tipo de atividade profissional, muitas vezes com isso perderam sua dignidade e dessa forma, o trabalho trouxe consigo a possibilidade de resgatar essa dignidade. Um dos entrevistados afirma que, “o trabalho de coleta de lixo é um trabalho tão digno como qualquer outro, só pelo fato de estar trabalhando de novo, não só pelo dinheiro, que é claro que a gente precisa, mas por ter um trabalho e não ficar vagabundeando pela rua, ter que pedir. Não sei como tem gente que prefere ficar pedindo as coisas ao invés de trabalhar” (Entrevistado D, situação II, 48 anos).

O prazer, nas duas situações, normalmente surge como um sentimento contrário ao trabalho, mas há frases que demonstram que há momentos de diversão no trabalho. Os indivíduos da situação I, que se mostram mais otimistas ou conformados com seu trabalho, são os mais jovens que pertencem à categoria de catadores que nunca realizaram outro tipo de atividade profissional. Um dos entrevistados diz: “Acho até que eu acho divertido trabalhar aqui” (Entrevistado C, situação I).

## 6. Representações individuais

As representações individuais construídas pelos catadores a partir do seu trabalho aparecem nitidamente como um reflexo do conceito que a sociedade constrói sobre eles. Conhecer essas representações implica compreender as concepções que eles constroem

sobre si mesmos e sobre o grupo do qual participam.

Na situação I, as concepções que eles possuem de si próprios surgem a partir da segregação que eles sofrem da sociedade. Sentimentos como vergonha e indignidade são freqüentemente associados por eles à atividade que desenvolvem. A própria escolha do local de trabalho, o aterro, deve-se ao fato de que eles não querem ser lembrados como trabalhadores do lixo. Isso se evidencia na fala de um dos entrevistados quando diz: “viemos pra cá por causa da vergonha de garimpar na rua, eu apodreço aqui, mas não trabalho na rua” (Entrevistado C, situação I).

Os sentimentos mais freqüentes na vida desses trabalhadores são evidenciados nas seguintes declarações: “a sociedade vê a gente como uns lixeiros. As patricinhas dizem lá vai a lixeira. Vergonha de trabalhar aqui eu não tenho, mas na rua eu tenho, daí passa as patricinhas e dizem olha lá os lixeiros”. (Entrevistado C, situação I). Outro diz, “sinto vergonha! Vergonha de trabalhar aqui não tenho, mas de pessoas do centro saber que eu tô trabalhando” (Entrevistado D, situação I). Um outro entrevistado complementa: “não tenho vergonha, não” (Entrevistado C, situação I).

Outras declarações dos entrevistados mostram a falta de perspectiva de melhoria no trabalho e de dignidade naquilo que fazem. Em relação à sociedade que é a maior beneficiada pelo seu trabalho, eles afirmam, “eles não se importam com pobre. Eles odeiam pobres”. “Amanhã podemos estar mortos com esta pandemia e ninguém vai saber que se fomos”. Nós não sofremos de dor aqui e ali, nós sofremos de ficar correndo atrás dos materiais que os ricos jogam na rua”.

A dignidade naquilo que executam é difícil de ser conseguida uma vez que os próprios catadores consideram a sua atividade de coleta menos digna quando em comparação com outros tipos de atividades. Em relação à dignidade daquilo que fazem e realizam, eles afirmam serem menos dignos, expresso na seguinte fala: “Tem outros pessoal que tem vários empregos legais. A gente se sujeita a fazer esse trabalho que ninguém quer por causa do desemprego, todo mundo tá procurando um trabalho e não tem. O lixo ninguém quer mexer, quem quer trabalhar no lixo?” (Entrevistado A, situação I, 24 anos).

A partir dessas respostas, podemos inferir que as representações que esses trabalhadores constroem sobre o seu fazer são a de um trabalho menos digno que outro, o qual eles devem envergonhar-se.

Na situação II, as representações não se encontram tão evidentes em seus discursos. Percebemos a existência da consciência de sua condição de segregados, mas há ao mesmo tempo o reconhecimento da importância do trabalho que realizam. Um dos entrevistados afirma que “no centro é mais difícil, as pessoas não nos respeitam, nem olham. Mas a gente coleta nos bairros aqui perto e as pessoas das casas já nos conhece e até guardam material pra gente” (Entrevistado A, situação II). E outro catador complementa “para mim é um trabalho como outro, só gostaria que desse mais dinheiro, mas tá bom” (Entrevistado E, situação II, 28 anos).

## 7. Representações coletivas

Nas representações coletivas, encontramos uma contradição em relação às representações individuais. Enquanto nas representações individuais são salientados os aspectos negativos, nas representações coletivas os aspectos positivos são citados com frequência, entre eles a possibilidade de gerenciar o tempo de trabalho e trabalhar entre amigos.

Nas afirmações a seguir, podemos perceber os sentimentos positivos em relação ao trabalho de coleta de lixo, quando os coletores afirmam que, “às vezes, a gente vem de manhã e só sai esta hora (17 horas). Tem dias que a gente só vem pra vender. Outros a gente trabalha o dia inteiro. Quando me dá na telha, trabalho o dia inteiro. Cada um trabalha do jeito que quer. Aqui todo mundo é amigo de todo mundo. Todo mundo é amigo aqui, todo mundo se dão” (Entrevistado E, situação I).

Quando em grupo, os entrevistados avaliam positivamente o trabalho realizado de coleta e, neste momento, surgem mais frequentemente em seus discursos os aspectos positivos do trabalho, formando uma contradição com as respostas que emitem quando isolados dos demais catadores.

Na situação II, as representações coletivas no trabalho de coleta normalmente estão atreladas ao sustento da família. A concepção negativa sobre seu trabalho parece ser esquecida frente à necessidade de sobrevivência.

É constante o sentimento de falta de dignidade conferido ao trabalho de coleta. Essa visão é um reflexo da concepção que a sociedade possui desses trabalhadores. As concepções dos catadores representam uma dialética entre o que eles pensam sobre si e o que eles pensam que a sociedade pensa sobre eles, e nessa “colcha de retalhos” vai se formando as representações coletivas.

## 8. Estratégias Defensivas

São muitas as estratégias defensivas usadas pelos catadores e elas podem variar de grupo para grupo. Na situação I, as principais estratégias verificadas foram a de deslocamento, de fuga, da introspecção e de sublimação. O deslocamento pode ser identificado no comportamento violento apresentado por alguns catadores, sem motivo aparente, narrado pelos entrevistados. “Meu marido foi matado aqui. Foi por causa de uma briga de duas gurias ai, ele deu um tapa na cara da guria e o cara viu e levou uma facada. Vai fazer dois anos agora em outubro. Já teve duas mortes, quando foi fechar um ano do finado, mataram outro” (Entrevistado E, situação I).

A situação descrita acima denota uma violência extrema gerada por um motivo irrelevante aparentemente. Provavelmente esse comportamento é reflexo de um sofrimento psíquico inconscientemente deslocado para outro objeto, no caso para um indivíduo.

Outra estratégia frequentemente usada tanto na situação I quanto na II, é a da fuga. Esse processo ocorre normalmente através do uso de drogas, como o álcool e a maconha.

Na situação I, esse problema é tratado naturalmente sem qualquer tipo de constrangimento.

Os entrevistados afirmam que a maneira de escapar do sofrimento gerado pelo trabalho é consumir bebida alcoólica. Um dos entrevistados diz: “Eu no caso é beber. Eu sou bêbedo. Bebo. Se tiver dinheiro todos os dias (risos)” (Entrevistado E, situação I).

Frases como as acima citadas descrevem perfeitamente a situação vivenciada no lixão. A maioria dos catadores trabalha com uma garrafa de cachaça no bolso e interrompe freqüentemente suas atividades para beber. Indivíduos das mais diferentes idades passam o dia inteiro bebendo e fumando. Além dessas estratégias, a música é muito presente no ambiente de trabalho. Um deles diz: “esquecer dos problemas, só trabalhando mesmo e fazendo um som, na Universal (boate)” (Entrevistado C, situação I).

Na situação II, a introspecção parece ser a estratégia mais usada pelos catadores. Durante o desenvolvimento da coleta, que ocorre nas ruas, esses trabalhadores parecem estar em um mundo paralelo, dificilmente se comunicam com outros indivíduos. Suas posturas também denunciam a introspecção, normalmente com os corpos curvados e cabeça baixa parece que quererem sumir da vista de todos.

A fuga através do álcool também está presente, mas na maioria das vezes mascaradas. Isso é percebido quando um dos entrevistados afirma que, “eu bebo sim, mas só final de semana, durante a semana só uma cervejinha” (Entrevistado D, situação II, 48 anos).

Sem desconsiderar as diferenças nas concepções freudianas a respeito do processo sublimatório e admitindo que nem todas conseguem explicar as realizações humanas no plano da cultura, um fato observado no cotidiano de um catador de lixo pareceu-nos significativa para exemplificá-la como sendo uma estratégia de sublimação. Um catador tem como *hobby* colecionar filmes revelados que os encontra no lixo. Com muita habilidade, o catador se dedica horas a fio colando os filmes e construindo uma história que, segundo ele, vai virar um filme. A seqüência das fotos mistura fatos ligados a casamentos, aniversários, festas, bailes, mostrando pessoas de todas as idades, bonitas, elegantes, alegres e nos mais diferentes locais, todos limpos e amplos. Há um contraste significativo entre a realidade vivida pelo catador e a realidade das pessoas que o catador escolhe para compor o seu imaginário.

Nessa mistura de sonho e devaneio, entre momentos de solidão e de convivência grupal com os demais catadores, entre momentos de melancolia e de abstração, o catador vai aos poucos se despidendo dos próprios preconceitos e se dando o direito de brincar com as imagens fotográficas que coleta no lixo, construindo uma história diferente daquela que foi registrada pela foto. Na situação de diretor do filme, o catador cria um novo mundo e nesse imaginário criativo se permite sonhar um sonho antes nunca ninguém imaginado.

## 9. Tempo fora do trabalho

Embora grande parte das atividades de lazer demande dinheiro, esses trabalhadores sabem driblar a falta de recursos financeiros e encontrar no tempo fora do trabalho uma fonte de prazer.

São os momentos de lazer junto à família e aos amigos que tornam a vida dos catadores menos dolorosa. Além disso, os jogos e as danças (boates) são atividades que permitem interagir com outros indivíduos e sublima o sofrimento gerado pelo trabalho. Mas em alguns casos, o tempo fora do trabalho é usado em atividades pouco saudáveis, como beber e jogar por dinheiro.

Na situação I, os indivíduos usam o tempo fora do trabalho em atividades de lazer como futebol e dança, mas o álcool continua sendo o principal meio de diversão. O fim de semana é esperado com ansiedade pelos jovens entrevistados.

Jogos lúdicos surgem nessa situação juntamente com o uso da televisão e outras fontes de prazer. Tais atividades se evidenciam quando os entrevistados dizem: “no fim de semana, eu fico em casa, jogo futebol, faço como todo mundo” (Entrevistado A, situação II). “Sentamo! Sentamo aqui e ficamo conversando. No findi, a gente bebe, faz um som” (Entrevistado C, situação I). “Eu saio no fim de semana, quando posso. E fico com meus filhos” (Entrevistado E, situação I).

Na situação II, o tempo fora do trabalho é utilizado da mesma forma, com jogos, descanso e TV. “De tarde eu fico em casa, cuido das minhas coisas, olho TV.” (Entrevistado A, situação II, 44 anos).

## 10. Comunicação e processos de troca

A comunicação ocupa um papel importante em qualquer organização e não seria diferente dentro dos grupos estudados. É nesse processo de comunicação e trocas de informações, que surgem as construções simbólicas do grupo.

Na situação I, a comunicação no ambiente de trabalho realiza-se pelo fluxo horizontal ou lateral, onde as informações movimentam-se no mesmo nível, ou seja, entre colegas do grupo.

O processo de comunicação apresenta-se não somente como um aliado na construção de sua realidade, mas também como um facilitador das relações de trabalho. “Sentamo! Sentamo aqui e ficamo conversando” (Entrevistado C, situação I).

A comunicação torna possível o consenso entre os catadores, bem como o surgimento de uma estrutura de poder. “Ela pensa (Entrevistado F, situação I) que é coordenadora, ela se mete em tudo, chega alguém de fora aqui e já vai ela se dizendo coordenadora. Quem não conhece a Dona S?”

Na situação II, a comunicação se realiza por meio de três fluxos: descendente, ascendente e horizontal, nos quais os processos de comunicação podem ocorrer tanto de cima para baixo, como de baixo para cima e também entre iguais. Como não há uma estrutura hierárquica complexa, as informações com fluxo descendente ocorrem do líder para com o restante do grupo e a ascendente normalmente se caracterizam como reivindicações dos membros do grupo para o líder da associação. O principal fluxo usado é o horizontal, no qual a comunicação informal ocupa papel essencial dentro do grupo de catadores, traduzindo suas normas e filosofia.



## CATEGORIAS INTERMEDIÁRIAS

O agrupamento das categorias iniciais deu origem às categorias intermediárias que são apresentadas com as denominações: O catador de lixo; A organização do trabalho; Representações do trabalho; Relações de trabalho e Carga psíquica.

### 1. O Catador de lixo

A categoria descrita a seguir é formada pelas categorias iniciais: História de vida do catador e O Local de trabalho e suas significações.

Os catadores de lixo de Santa Maria/RS se caracterizam, em ambas as situações, como uma organização. São homens com uma história de vida conturbada que encontram em um trabalho pouco valorizado a sobrevivência.

Esses indivíduos possuem suas dimensões social e humana negadas pela sociedade e, muitas vezes, são considerados como animais, quando assumem a posição destes e puxam a carroça com os dejetos coletados. O local e o objeto de trabalho exercem forte influência na construção dessas representações, uma vez no lixo, tornam-se parte dele.

Na pesquisa, verificamos que os catadores são conscientes da importância de seu trabalho, bem como do preconceito que a sociedade possui em relação a eles. A consciência de sua condição traz consigo sofrimento e algumas vezes um sentimento de revolta, uma vez que o trabalho gera vergonha e afeta sua autoestima.

O discurso que segue ilustra o sentimento dos catadores em relação à sociedade. “Eles vê nós como uns lixeiros, pra sociedade não é importante. Tamo aqui fora e eles nem pensam em nós. É melhor tá aqui do que ta na rua roubando. Eles falam da gente, mas nós podíamos estar roubando deles (Entrevistado D, situação I).

### 2. A organização do trabalho

Essa categoria surgiu a partir das seguintes categorias iniciais: As práticas de coleta de materiais recicláveis, Estrutura de poder e O significado do trabalho.

A divisão do trabalho e as práticas de coleta são simples, caracterizadas pela flexibilidade das relações de trabalho e produção, ocorrendo algumas diferenças entre as situações I e II.

Na situação I, não percebemos qualquer tipo de influência das teorias de organização de trabalho. As tarefas são realizadas sem preocupação com o controle do tempo e movimentos gastos. Mas mesmo sem haver a busca frenética pela produtividade, a repetição automática das atividades ocasiona a perda da visão do trabalho como um todo, resultando na perda também do significado do mesmo. Todos os catadores realizam as mesmas tarefas dentro da organização, mas desconhecem os processos finais de produção na reciclagem.

Na situação II, há a divisão de trabalho entre indivíduos que coletam os materiais e indivíduos que os separam para venda. O horário de trabalho pode variar de acordo com a demanda de materiais e o clima. Durante a manhã, é realizada a coleta e a tarde é feita a separação e a venda dos materiais. Um dos entrevistados diz: “não temos um tempo certo para trabalhar, viemos preparamos tudo para venda, dai esperamos os caras chegarem para

vender” (Entrevistado E, situação II).

E outro complementa “quando chove fico dias sem coletar, então o pessoal guarda em casa e eu recolho quando pára de chover” (Entrevistado A, situação II).

### 3. Representações sociais do trabalho

As categorias iniciais Representações individuais e Representações coletivas originaram a categoria presente. Para entendermos as representações sociais desses trabalhadores, não basta conhecermos as concepções que eles possuem sobre si mesmos, é preciso conhecer as concepções que a sociedade possui sobre eles.

Os catadores são indivíduos que fazem parte da realidade diária da sociedade, estão em todos os lugares, mesmo assim a sociedade não os reconhece como parte dela. São homens que embora possuam sonhos, desejos e sintam sofrimento e prazer, não são percebidos como iguais.

Dessas concepções construídas pela sociedade mescladas a sua auto-concepção, surgem as representações sociais dos catadores. A posição ocupada pelo indivíduo dentro do grupo e a importância atribuída ao seu trabalho definem suas representações, prevalecendo sempre a opinião que os outros possuem de seu trabalho. Esses homens como quaisquer outros trabalhadores buscam a participação na sociedade através do trabalho e quando isso não ocorre, eles anulam-se como indivíduos sociais.

### 4. Relações de trabalho e carga psíquica

As categorias iniciais Estratégias Defensivas, Tempo Fora do Trabalho e Comunicação e Processos de Troca resultam na categoria intermediária Relações de trabalho e carga psíquica. As relações de trabalho podem apresentar desde relações facilitadoras até relações impeditivas. Elas são definidas a partir da cooperação e da participação do grupo, bem como por conflitos ou competições. Dentro do grupo de catadores, na situação I, encontramos indivíduos que optaram pelas relações facilitadoras, estabelecendo vínculos de amizade dentro do aterro, indivíduos que agem com violência com os demais e outros que preferem simplesmente isolar-se. A carga psíquica gerada pelo trabalho pode variar de acordo com as relações que o trabalhador estabelece em seu ambiente de trabalho e pelos processos de comunicação que nele se viabilizam. Dessa forma, essa carga torna-se mais leve para os catadores que participam de grupos dentro do aterro.

As estratégias defensivas e o tempo fora do trabalho surgem como um escape nos momentos de sofrimento. Esse sofrimento psíquico pode surgir pelo choque entre história pessoal do trabalhador, com projetos e desejos e o trabalho que não corresponde às suas expectativas. O trabalho não constitui em si um fator gerador de sofrimento e a frustração com o trabalho surge das significações atribuídas a ele. Esses sentimentos trazem graves conseqüências sobre o estado de saúde do indivíduo.

## CATEGORIAS FINAIS

O agrupamento das categorias intermediárias deu origem a duas categorias finais: lixo e cidadania – o catador cidadão e prazer e sofrimento no trabalho.

### 1. Lixo e Cidadania: O Catador Cidadão

As categorias intermediárias O Catador de Lixo e A Organização do Trabalho originam a categoria final denominada Lixo e Cidadania.

Como verificamos nas categorias anteriores, os catadores são indivíduos portadores de uma história de vida difícil e que desenvolvem um trabalho que os aportam pouco ou nenhum reconhecimento. Apesar desses fatores, eles mostram ser possível tornar-se cidadão através das práticas mais diversas.

O homem moderno, querendo ou não, busca em todas suas interações com a realidade encontrar seu lugar na sociedade. Os catadores os encontram na realização de um trabalho que devolve o lixo ao ciclo natural da vida.

Embora exista um grande preconceito em torno da atividade de coleta de lixo, essa foi a única forma de inserção social obtida por esses homens. Responsáveis, segundo pesquisa realizada pela Unicef em 2016, pelo gerenciamento de entre 10 e 20% dos resíduos sólidos urbanos e cerca de 90% dos materiais recicláveis que alimentam as indústrias de reciclagem brasileiras, tornam o país um dos campeões mundiais em reciclagem.

Além dos benefícios ambientais, o serviço prestado ao Estado e à sociedade por estes trabalhadores promove também a economia em gastos públicos com mão-de-obra relativos à limpeza urbana, manutenção e infraestrutura.

Na medida em que sociedade e catadores reconhecerem a importância do trabalho de reciclagem, bem como desenvolverem uma visão global dessa atividade, os catadores têm possibilidades de encontrar a dimensão social do trabalho. Quando o catador e a sociedade atribuírem um significado amplo ao trabalho, como fonte de desenvolvimento e realização pessoal, o trabalho de coleta de material reciclável pode transformar o trabalhador em agente de mudança da realidade e, por decorrência uma posição de cidadão.

### 2. Prazer e sofrimento no trabalho

Esta categoria é resultante das categorias intermediárias Representações sociais do trabalho e Relações de trabalho e Carga Psíquica. O prazer e o sofrimento estão intrinsecamente ligados ao contexto socio-econômico-cultural.

O sofrimento psíquico surge como uma vivência subjetiva intermediária entre doença mental descompensada e conforto psíquico (DEJOURS, 1994). O confronto da identidade do trabalhador com o valor atribuído à mesma, diante do mundo social, pode ser o gerador desse sofrimento.

Os sentimentos de sofrimento surgem também, da baixa autoestima que o trabalhador possui. Essa, por sua vez, surge das concepções que a sociedade constrói sobre ele e seu trabalho, unida a falta de significação atribuída ao mesmo, uma vez que não há o

conhecimento global da atividade desenvolvida. Dessa forma, para o catador, nem ele, nem seu trabalho possuem importância para a sociedade.

Os sentimentos de prazer ocupam uma posição secundária, mas não menos importante, na análise das relações de trabalho dos indivíduos estudados. Elas muitas vezes surgem, a partir de mecanismos elaborados pelos trabalhadores, para burlar o sofrimento proporcionado pela atividade que realizam. Esse fato foi verificado devido à freqüente vinculação, por parte dos respondentes, do uso de bebidas alcoólicas aos sentimentos de prazer.

Ao mesmo tempo, esses trabalhadores reconhecem sentimentos de prazer também ao desenvolverem atividades de coleta e separação sem regras e horários estabelecidos anteriormente, bem como pela ausência de um chefe que as determine. Essa flexibilidade nas relações de trabalho aporta algum tipo de satisfação para o catador, na medida em que o coloca no controle do seu trabalho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo buscou conhecer os sentidos do trabalho construídos por catadores de materiais recicláveis. Para tanto, realizamos entrevistas e posteriormente definimos a categoria relacionada aos temas prazer e sofrimento no trabalho.

Os catadores participantes da pesquisa reconhecem a existência de prazer e sofrimento no trabalho que desenvolvem e estes estão intrinsecamente ligados ao tipo de trabalho e à imagem de indignidade produzida a partir dele.

O não reconhecimento do significado do seu próprio trabalho e da importância do mesmo para a sociedade produzem a visão de um trabalho desinteressante atrelado a uma baixa autoestima. Com a perda do significado do trabalho ocorre uma ruptura entre subjetividade e a objetividade, entre o eu e o mundo. Essa ruptura retira do indivíduo o interesse e o controle sobre o trabalho.

Quanto às representações sobre o conhecimento do trabalho, elas não surgem de maneira homogênea dentro do grupo estudado. Enquanto alguns parecem desconhecer o significado e a importância do seu trabalho para a sociedade, outros se mostram plenamente conscientes desses fatores, bem como de suas condições de subproletariado e segregados.

Para esses trabalhadores, as representações de sofrimento encontram-se em torno da ausência de reconhecimento e de sentido para o trabalho, além da percepção do preconceito que a sociedade possui em relação a eles.

O controle sobre o trabalho surge como principal gerador de prazer. Todos os catadores participantes reconhecem na possibilidade de trabalhar sem patrão e com flexibilidade de horários, um dos motivos que os mantém nessa atividade profissional.

A convivência em grupo, a comunicação informal, os jogos lúdicos e as atividades realizadas durante o tempo fora do trabalho também são apontadas como os principais geradores de prazer.

As formas encontradas por esses indivíduos para lidar com o sofrimento gerado pelo

trabalho mostram-se pouco saudáveis. Em alguns casos, a estratégia usada é a negação do próprio sofrimento, em outros é o uso excessivo de bebidas alcoólicas e em casos mais extremos é a violência e por fim, a loucura.

Para que o sofrimento desses trabalhadores possa ser minimizado e o prazer potencializado, parece ser necessário o reconhecimento da importância do trabalho de coleta de lixo, não apenas pelos próprios catadores, mas também pela sociedade, a qual é a principal beneficiada com a prestação desse serviço. A maior participação do Estado, apresentando medidas para a melhoria do ambiente e das condições de trabalho são outros aspectos de fundamental importância nesse processo.

A pesquisa contribuiu para uma reflexão sobre a subjetividade dos catadores quando confrontados pelas vivências de prazer e de sofrimento no trabalho, propiciando o conhecimento sobre as vicissitudes inerentes à atividade de coleta. Coloca também em evidência o modelo de processo de trabalho prescrito, evidenciando que a gestão coletiva do trabalho permite a emergência do prazer ou a transformação do sofrimento em criatividade, na medida em que possibilita o engajamento do trabalhador na atividade sem maiores prejuízos à saúde mental.

As relações de trabalho são sempre conflitivas, mas não se quer abolir o conflito como tentou a Escola das Relações Humanas de Elton Mayo e seus seguidores, mas sim transformar o conflito em algo produtivo, criativo e isso se faz quando a concepção de trabalho superar os modelos lineares, verticais e impositivos e passar a ser entendida como um alicerce que dá forma à organização, fazendo a ser aquilo que é.

Iniciamos este artigo questionando se os modelos teóricos e metodológicos estão conseguindo dar conta dos desafios que se apresentam às relações de trabalho. Para uma discussão que não se encerra neste trabalho, mas que se inicia a partir dele, propomos quatro elementos que podem subsidiar a discussão: 1) garantir que a historicidade esteja presente nos estudos sobre relações de trabalho; 2) des-ideologizar a discussão sobre trabalho e relações; 3) não perder de vista o contexto e 4) revisar modelos teóricos em uso.

Este último nos parece que toca em um ponto central, ou seja, nos permitir desenvolver uma análise teórico-crítica com certa liberdade, pois entendemos que a esfera metodológica não é um campo sagrado e gerador de verdades inquestionáveis. Acreditamos que o máximo que se pode alcançar é a construção de pensamentos mais verdadeiros. No entanto, para chegarmos a um nível compreensivo da realidade, devemos recorrer à interpretação, embora entendamos que a realidade como tal não depende da interpretação para existir: ela existe com ou sem intérprete. No entanto, a realidade conhecida é inevitavelmente aquela interpretada.

A análise interpretativa permite romper o círculo vicioso do objeto-sujeito-objeto e se aplica ao campo da compreensão, da comensurabilidade e, portanto da intersubjetividade. Poder ler nas entrelinhas além dos limites da linha, os contextos além do texto, as significações além da palavra, é uma desafio que cremos ser possível buscarmos, isso se estivermos dispostos a entender e dar conta da complexidade que as relações de trabalho encerram.



## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho: estudo da psicopatologia do trabalho**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 1998.

\_\_\_\_\_. **O fator humano**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

\_\_\_\_\_. **A banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro: FGV, 1999b.

\_\_\_\_\_. **O corpo entre a biologia e a psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

DEJOURS, Christophe. ABDOUCHELI, Elisabeth. JAYET, Christian. **Psicodinâmica do trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994.

ETZIONI, Amitai. **Análise comparativa de organizações complexas: sobre o poder, o engajamento e seus correlatos**. Rio de Janeiro: Zahar; São Paulo: EDUSP, 1974.

FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. A cultura de devoção nas empresas familiares e visionárias – uma definição teórica e operacional. **Tese de Doutorado**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

FREUD, Sigmund. **Psicología de las masas y análisis del yo**. Buenos Aires: Santiago Rueda editor, 1953.

GAIARSA, José A. **O que é corpo?** 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 2002.

MAFFESOLI, Michel. **A transfiguração do político**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 1997.

MAZZILLI, Cláudio, LEMOS, Ana Margarete e KLERING, Luis Roque. Análise do trabalho prisional: um estudo exploratório. **Revista de Administração Contemporânea**. Rio de Janeiro: ANPAD, 1997, p. 129-149.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Abordagem Dejouriana 156  
Abordagem Quanti-Qualitativa 19, 48, 49, 58  
Abordagens Teórico-Metodológicas 13, 15  
Abrapcorp 12, 13, 14, 15, 17, 47  
Agências de Comunicação 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 85  
Ambiente Digital 48, 58  
Análise de Conteúdo 19, 35, 40, 46, 109, 111, 126, 131, 142, 156, 158, 161, 176, 177, 180, 181  
Armazenagem 144, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 153, 154, 155  
Atlas Ti 13, 14, 17, 18, 19

### C

Catadores de Materiais Recicláveis 156, 157, 158, 159, 162, 165, 174  
Celular 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 72, 73, 103, 104, 105, 106, 107, 109, 139, 164  
Cidadania 3, 12, 88, 95, 97, 99, 100, 162, 173  
Compra Virtual 126  
Comunicação Intercultural 22, 23, 33  
Comunicação Organizacional Digital 13, 14, 15, 16, 17, 20  
Crenças 113, 115, 116, 118, 119, 120, 121

### D

Direitos Humanos 88, 89, 90, 99, 100, 142  
Discurso 1, 5, 7, 8, 9, 11, 49, 59, 80, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 96, 99, 100, 131, 161, 162, 163, 171

### E

Educação Superior 48, 49, 52, 58, 178  
Endogrupo 113, 117, 118, 120, 121, 122  
Espetacularização 88, 89, 96, 98, 99  
Exogrupo 113, 117, 118, 120, 121

### F

Facebook 34, 35, 40, 45, 46, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 58, 59, 91, 116, 122, 133, 143

### G

Gestão de Crises 4

## H

Hermenêutica em Profundidade 17

História 2, 6, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 38, 80, 87, 96, 114, 158, 159, 160, 162, 163, 169, 171, 172, 173

## I

Imagem Organizacional 34

Instagram 49, 50, 52, 58, 59, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143

Intolerância 88, 89, 90, 91, 93, 94, 95, 98, 99, 100

## J

JF da Depressão 34, 35, 41, 42, 44, 45, 46

Jornalismo 2, 8, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 88, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 115, 122, 123, 182

Jornalismo Móvel 101, 103, 104, 107, 110, 111, 112

Juiz de Fora 34, 35, 40, 43

## L

Logística 144, 145, 147, 148, 154, 155

## M

Mentira 4, 100, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 120, 121, 122

Mobilidade 61, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 110, 111, 112

## P

Paraná 61, 63, 65, 66, 68, 69

Pesquisa Empírica 19, 20, 24, 30, 48, 50, 58

Petrobras 1, 2, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 82

Prazer 156, 162, 166, 169, 170, 172, 173, 174, 175, 179

Produção Científica 13, 14, 21

Produção Semântica 48

Professores Envelhescentes 177, 178, 179

Psicologia Social 22, 24, 26, 28, 29, 31, 113

## R

Rede Globo 61, 62, 63, 64, 69, 92

Reputação 1, 2, 4, 5, 6, 9, 10, 11, 37, 39, 83, 138

Responsabilidade Social 88, 89, 97

RPC 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 72

## S

Saúde Mental 159, 163, 175, 177  
SBPJor 101, 102, 104, 107, 108, 110, 111  
Síndrome de Burnout 177, 178, 179, 180, 181  
Sistema de Informação 144, 145, 151, 153  
Sistema WMS 145, 147, 152, 153, 154  
Sites Noticiosos 88, 89, 91  
Sociologia 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 33, 123  
Sofrimento 88, 95, 98, 156, 158, 159, 160, 162, 163, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175  
Software 13, 14, 17, 18, 19, 48, 49, 55, 65, 69, 116, 149

## T

Tecnologia 6, 32, 35, 38, 50, 62, 64, 65, 68, 70, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 82, 83, 85, 102, 123, 127, 145, 146, 147, 149, 150, 153, 154  
Televisão 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 92, 93, 100, 105, 109, 170  
Teresina 125, 144, 145, 147, 151  
Trabalho 3, 6, 15, 17, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 33, 34, 38, 40, 41, 45, 54, 58, 62, 63, 64, 65, 76, 77, 78, 80, 81, 83, 102, 103, 107, 109, 118, 127, 128, 139, 141, 142, 143, 145, 150, 153, 154, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 178, 179, 181  
Turismo 123, 125, 126, 127, 132, 136, 140, 141, 142

## V

Verdade 4, 21, 65, 88, 91, 95, 96, 100, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 138

## W

Warehouse Management System 145, 146, 147, 154

# As Ciências da Comunicação e sua Atuação Plurifacetada 2

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

 **Atena**  
Editora

Ano 2020

# As Ciências da Comunicação e sua Atuação Plurifacetada 2

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

 **Atena**  
Editora

Ano 2020